

Reflexões sobre a formação de professores na Universidade de Aveiro entre 1979 e 2009

Reflexiones sobre la formación de profesores en la Universidad de Aveiro entre 1979 y 2009

Reflections on Teacher Education at the University of Aveiro between 1979 and 2009

1

José Tavares¹

Resumo: Este texto apresenta uma reflexão pessoal e filosófica sobre a evolução da formação de professores na Universidade de Aveiro entre 1979 e 2009. O autor analisa três momentos do percurso formativo: entusiasmo emocional, crítico e prospetivo. Destacam-se desafios, tensões e propostas para enfrentar as crises atuais na educação, com ênfase na transdisciplinaridade e inovação pedagógica.

Palavras-chave: Formação de professores; Universidade de Aveiro; Educação

Resumen: El texto es una reflexión personal y filosófica sobre la evolución de la formación docente en la Universidad de Aveiro entre 1979 y 2009. El autor analiza tres fases del proceso formativo —entusiasmo emocional, crítico y prospectivo. Se destacan desafíos, tensiones y propuestas para enfrentar las crisis educativas actuales mediante enfoques transdisciplinarios e innovadores.

Palabras clave: Formación docente; Universidad de Aveiro; Educación.

Abstract: This text presents a personal and philosophical reflection on the evolution of teacher education at the University of Aveiro between 1979 and 2009. The author analyzes three key stages in the educational journey: emotional, critical, and prospective enthusiasm. It highlights challenges, tensions, and proposals to address current educational crises, with an emphasis on transdisciplinarity and pedagogical innovation.

Keywords: Teacher education; University of Aveiro; Education.

Submetido 12/08/2025 Aceito 20/03/2026

Publicado 30/07/2026

¹ Professor Catedrático Jubilado (emérito) da Universidade de Aveiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1391-5819>. E-mail: jtav@ua.pt

Nota introdutória

Trata-se de um texto diferente, na linha de outros que tenho vindo a escrever e publicados na *net* sem referências, nem recurso à autoridade. Um pouco do que ficou em mim daquilo que li, pensei, estudei, investiguei e passou a fazer parte da minha experiência e visão do mundo e a que, neste momento, apenas procuro dar expressão escrita e sentido sobre um tema a que dediquei boa parte do meu tempo de vida.

Na verdade, passei parte da minha vida a ler, estudar, investigar, a pensar e escrever sobre educação, formação de professores, desenvolvimento, aprendizagem, construção e gestão de conhecimento humano e dos seus diferentes contextos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Fi-lo, sobretudo, a partir do chão da filosofia, como amizade do saber, lugar de onde falo e escrevo e me sinto verdadeiramente, responsável, livre e autónomo. Durante mais de 30 anos, os campos de incidência deste afazer foram, sobretudo, a ciência psicológica, a educação, a formação de professores de todos os níveis de ensino, básico, secundário e superior politécnico e universitário. Como aprender, desaprender, reaprender e as formas de o fazer da maneira mais eficaz com espírito crítico, rigoroso e aprofundado eram o objetivo a atingir. Ainda hoje continuo a fazê-lo, mas de uma maneira mais distanciada e de uma forma mais espontânea, mas sem perder de vista esse meu lugar de escrita e de fala que a ciência filosófica que fui desenvolvendo me proporciona.

Sempre tive um certo pendor para uma reflexão de natureza mais reflexiva e abstrata, embora, por razões profissionais me tenha centrado sobre temáticas do âmbito das ciências psicológicas e sociais que se regem por abordagens mais explicativas e experimentais ou quase-experimentais. Reconheço que, ultimamente, voltei a um olhar mais compreensivo, filosófico da realidade na sua dimensão física, biológica, psicológica, social, humana e, de certa forma, divina em toda a sua complexidade e sentido que se afundam no passado e agem no presente a partir de uma possível antecipação do futuro a que os humanos e, porventura, outros seres inteligentes do universo têm acesso. Será esta a chave desta minha reflexão sobre a formação de professores e, designadamente, na Universidade de Aveiro, no comemorar dos 10 anos da *Revista Internacional de Formação Docente*, a convite do Professor Alexandre Shigunov Neto.

Este olhar continua a ser possível com base numa formação básica séria e sólida que me foi facilitada por estudos e reflexões de natureza filosófica e teológica e, mais tarde, aprofundada e alargada em ciências filosóficas e psicológicas, na Universidade Católica de Lovaina, sobre temáticas mais do âmbito da filosofia da linguagem, psicanálise e fenomenologia para efeitos de obtenção de graus académicos de bacharelato, licenciatura e doutoramento. Estando já na Universidade de Aveiro, Departamento de Ciências da Educação, por razões de serviço docente, numa Instituição que estava ainda nas primeiras rampas de lançamento, acabei por dedicar-me à Psicologia da Educação e, mais concretamente, à Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem num grande programa de Formação de Professores para todos níveis de ensino, desenvolvido no Centro Integrado de Formação de Professores da Universidade de Aveiro (CIFOP-UA), financiado pelo Banco Mundial.

Na minha última etapa, e a partir do estudo e da investigação que fui fazendo e coordenando ao longo de todo esse tempo, a minha atividade incidiu ainda em temáticas sobre investigação e docência no ensino superior a fim de procurar identificar e avaliar os principais marcadores de formação, investigação e intervenção que lhe estão subjacentes tendo em vista o sucesso académico de todos os seus atores aprendentes, discentes e pessoal técnico e administrativo sobre o qual tinha incidido um dos principais projetos de investigação que também coordenei, financiado por programas europeus no âmbito da Fundação de Investigação para a Ciência e Tecnologia.

É deste lugar que, hoje, tentarei alinhar alguns pensamentos no décimo aniversário da *Revista Internacional de Formação Docente*, em jeito de post-scriptum, focando-os sobre três andamentos da formação de professores e educadores, em Portugal, e, mais especificamente, na Universidade de Aveiro: *o entusiasmo impulsivo e emocional, o entusiasmo moderado e crítico e o entusiasmo reflexivo e prospetivo* que, de algum modo, se sucederam e implicaram entre 1979 e 2009, tempo em que exerci funções docentes e de pesquisa. Trata-se de ideias, em meu entendimento, que poderão revestir-se de algum interesse, mas que não irei desenvolver exaustivamente. Apenas as explicitarei e as desenvolverei um pouco mais para a sua melhor apreensão e compreensão, dirigidas a professores e investigadores que trabalham ou se debruçam sobre estas temáticas.

Entusiasmo impulsivo e emocional

Com frequência, dou comigo a desfazer-me de escritos, textos que foram resistindo neste descarregar de um peso que não queremos deixar para os vindouros. Sinto que não é fácil libertar-nos dos papéis que fomos juntando ao longo de todo esse tempo e reconheço até alguma dificuldade em fazê-lo. Assim, sempre que passo pelo meu antigo gabinete de trabalho na Universidade de Aveiro que ainda me é permitido manter em virtude do meu vínculo como Professor Catedrático Jubilado, é uma das tarefas a que me dedico e de algum modo me imponho. Gosto de reler ou, passar os olhos sobre algumas coisas que escrevi antes de me desfazer delas. Por vezes, ainda as guardo por mais algum tempo, embora ache que não acrescentam nada de novo ou se encontram já publicadas. Mas não deixam de fazer-me pensar e perguntar: como é que foi possível escrever todas estas coisas que, mesmo não sendo originais e sabendo que, de certa forma, são e já eram, nessa altura, património comum de quem nos precedeu e vêm do fundo do tempo. A justificação deste pressuposto não é fácil e também, acho que não é necessário tentá-la. De qualquer modo, a originalidade, o novo, é algo que acontece muito raramente para aqueles que não se deixam iludir pelas aparências. Lembro-me bem de um dito de um dos meus professores que repetia, de vez em quando: “a originalidade de uma pessoa cabe numa mortalha de cigarro e ainda sobra muito papel”. Também na formação de professores e educadores houve um entusiasmo que foi mudando com o tempo e julgo ter passado de um entusiasmo militante, impulsivo e emocional para um entusiasmo mais moderado e crítico, reflexivo e prospetivo. Na altura em que foi lançada a *Revista Internacional de Formação Docente*, talvez, já estivéssemos num entusiasmo mais moderado e crítico ou mesmo reflexivo e prospetivo.

Era de certa forma contagiante, em Setembro de 1979, já contratado pelo Centro Integrado de Formação de Professores da Universidade de Aveiro (CIFOP-UA) como Professor Auxiliar, o entusiasmo que se sentia pela Formação de Professores num modelo integrado, em oposição a um modelo mais clássico em desenvolvimento nas Faculdades de Ciências e Tecnologias, não apenas para Educadores de Infância, Professores Primários e do Básico e Secundário, mas também para a formação do quadro docente das Escolas Superiores de Educação do Ensino Superior Politécnico, recém-criadas. Lecionava então *Temas*

Psicopedagógicos nos Bacharelados e Psicologia do Desenvolvimento I e II nas primeiras licenciaturas da Universidade de Aveiro em formação de professores para o ensino básico e secundário. Sentia-me ainda um principiante na Academia, mas achava muito estranho que colegas de outras áreas científicas e, designadamente, das chamadas ciências “duras” e engenharias manifestassem não só um certo desinteresse pelas então chamadas “ciências da educação”, mas até algum menosprezo quando não passavam a um ataque desenfreado e com ares de superioridade. Chegavam mesmo a rotular-nos com nomes menos simpáticos como “ciências ocultas”, “eduquês”, etc. Apesar de trabalhar, na altura, em temáticas do âmbito da Educação e da Psicologia, refugiava-me na Filosofia. Na realidade, eu vinha da Filosofia, uma especialidade nobre, exigente e mundialmente reconhecida, de uma das instituições mais reputadas, à data, internacionalmente e não sentia tanto esses comportamentos, mas reconheço que era uma situação muito incómoda e desagradável contra a qual me levantei muitas vezes em privado e em público não apenas como Professor, mas em virtude dos cargos ou funções que desempenhava.

Reconheço que nem sempre os profissionais da educação foram muito rigorosos em termos científicos. A própria linguagem científica e o modo de apresentar os diferentes termos e conceitos eram ainda pouco claros e inconsistentes. As ciências da educação constituíam uma área muito recente do conhecimento que ainda não tinha adquirido estatuto entre os pares, sobretudo, das outras áreas das especialidades científicas. Por isso, assistiu-se, na minha Universidade, a muitas discussões que eram verdadeiros diálogos de surdos entre os professores das disciplinas das especialidades e das ciências da educação. Pessoalmente, nunca dei muito para esse peditório o que me valeu alguns dissabores por parte dos colegas das Ciências da Educação. Mas era necessário, com todo o realismo e de um modo sério e rigoroso, fazer a ponte entre os conhecimentos científicos dos conteúdos disciplinares e os conhecimentos científico-pedagógicos das ciências da educação ou psicopedagógicos. Não foi fácil anular o fosso, mas, acho que se deram passos importantes nessa direção.

Em 1994, foi criada uma Unidade de Investigação, na Universidade de Aveiro, no âmbito da Fundação para Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência e Ensino Superior sobre *O Conhecimento Pedagógico nos Sistemas de Formação*, cujo racional se inscrevia na

preocupação de estabelecer e implementar um diálogo e uma colaboração mais positivos na formação de Professores e Educadores entre as diferentes áreas e níveis de ensino e aprendizagem, digamos, entre os conteúdos disciplinares das disciplinas ditas científicas e tecnológicas e os das ciências da educação. Tive uma participação bastante ativa nesse projeto de que fui Coordenador Científico de 1995 a 2006 e devo reconhecer que, embora de início tenha sido bastante difícil fazê-lo vingar, julgo que, ao longo de todo esse tempo, se deram passos importantes e se foi passando de um entusiasmo mais impulsivo e emocional para um entusiasmo mais moderado e crítico. Hoje, talvez nos encontremos no que designaria por um entusiasmo mais reflexivo e prospetivo, não obstante e, porventura, à mistura com uma certa desilusão e desinteresse. Talvez se tenha chegado mesmo a um certo impasse na formação de professores e formadores de formadores que se reflete de um modo mais claro nos dias de hoje com a falta de professores nos diferentes níveis de ensino à exceção do ensino superior politécnico e universitário. Julgo até que é um problema muito sério que não será fácil de resolver no curto e no médio prazo e exigirá, porventura, uma outra visão da educação e formação dos cidadãos nas sociedades emergentes embora não seja esse, neste momento, o meu objetivo. Mas, nem por isso, deixará de estar menos presente nas preocupações dos responsáveis da educação e da formação nos próximos tempos. É essa, pelo menos, a minha convicção.

Entusiasmo moderado e crítico

Estou convencido, no entanto, que, com o embate dos colegas de outras áreas científicas mais ligadas aos conteúdos disciplinares das diferentes especialidades, os docentes e investigadores de conhecimentos pedagógicos e educativos acabaram por aprender a estar e a comportar-se a um outro nível de exigência e de rigor. Ou seja, moderaram o seu discurso e desenvolveram um espírito mais crítico e exigente. A própria docência e os projetos de investigação conjuntos ao nível nacional e internacional que, entretanto, se desenvolveram poderão ter contribuído significativamente para isso.

Na verdade, formar professores para todos os níveis de ensino com conhecimentos científicos e pedagógicos rigorosos e sólidos em ordem ao desenvolvimento das competências pessoais e profissionais mais adequadas a cada um dos diferentes projetos de

ensino/aprendizagem é uma tarefa muito exigente que nem sempre foi devidamente considerada pelos colegas de outras áreas profissionais e pela própria sociedade. Embora ser professor fosse mais gratificante e oferecesse, à época, facilidades de emprego mais rápido e estável, deixou ao mesmo tempo de ser respeitado e começou a ser considerado como uma profissão para quem não sabia fazer mais nada. Isto exigiu aos professores e formadores de formadores uma atitude e um trabalho mais sério, mais rigoroso em termos de docência e investigação no sentido de articular bem os conteúdos disciplinares das diferentes disciplinas da especialidade e das ciências da educação ou psicopedagógicas considerando cada curso de formação como um projeto de formação e investigação em que a colaboração entre os professores das diferentes especialidades e das ciências da educação teria de ser um trabalho em equipas interdisciplinares e transdisciplinares bem ajustadas e integradas. Ficar cada um em sua trincheira ou “na sua parede”, como se desabafava, a desfazerem-se mutuamente deixou de fazer qualquer sentido e a realidade foi-se impondo naturalmente. Todos ou a sua grande maioria começaram a ser mais moderados e críticos e foi havendo mais compreensão e diálogo. Penso até que, na grande maioria dos casos, começou a haver um trabalho conjunto frutuoso e eficaz. Não foi certamente fácil, mas era o caminho que se impunha.

Poderíamos, talvez, dizer que uma boa parte dos professores e formadores de professores se encontram ainda neste esforço de um modo mais moderado e crítico. Outros, foram evoluindo para um entusiasmo mais reflexivo e prospetivo, uma vez que os contextos sociais mudaram e continuam a mudar muito rapidamente e as soluções que foram encontradas num passado recente já não se ajustam às novas realidades. Não é só um problema de novas tecnologias e formas de comunicação, mas de novas maneiras de pensar e de olhar para o futuro. É aqui que gostaria de centrar mais a reflexão. E a pergunta a formular, talvez, possa ser esta: o que é que o futuro nos trouxe de novo e nos trará nos próximos tempos? Sim, porque mesmo os projetos mais recentes terão que ser repensados a partir de um futuro que, de algum modo, será preciso antever e prospectivar. Julgo, no entanto, que é esse o grande desafio que já hoje se coloca na formação de professores e educadores.

Entusiasmo reflexivo e prospectivo

A elaboração de cenários, hoje, tão comum na abordagem dos mais variados assuntos, pressupõe um novo conhecimento ou modo de apreender a realidade e sua gestão adequada. É necessário fazer um estudo, uma análise e uma reflexão séria, rigorosa e aprofundada do caminho percorrido e, designadamente, dos anos oitenta até dois mil e 2009 que é aquele em que participei mais ativamente como docente e investigador universitário. Nestes últimos 10 ou 15 anos, já aposentado, tive uma participação mais distante e menos ativa o que me permite um olhar diferente. Será sobre esse olhar, em particular, que aqui refletirei um pouco e deixarei algumas ideias sobre o futuro, que, nos nossos dias, talvez seja aquilo que é mais urgente fazer.

Está à vista que a formação de professores e educadores atravessa uma grande crise, não de crescimento, mas, porventura, de carência e adequação aos tempos sociais que são os nossos. Houve algumas ideias que foram fazendo o seu caminho ao nível da investigação e da discussão académica, mas que, porventura, ainda não chegaram de forma efetiva, ao terreno, à ação concreta e à vida real da escola. Acontece que a situação se alterou profundamente num mundo em transformação constante e vertiginosa. Os professores mais antigos estão a chegar às suas aposentações, as entradas diminuíram drasticamente nos últimos anos. As escolas de formação ficaram sem candidatos para uma profissão exigente, desrespeitada e ingrata, não obstante a sua importância para uma transformação profunda da sociedade. Os estímulos e um certo estatuto do professor nas sociedades atingiram níveis de apreço e dignidade muito baixos e, em muitos casos, degradantes. Os melhores seguem para outros caminhos pelas razões mais diversas em que, a dignidade, o reconhecimento das profissões e os salários têm um peso considerável. Que fazer? É a pergunta que se coloca a aqueles que têm mais ou menos responsabilidades para tentar resolver o problema e enfrentar a nova situação.

Aos meus olhos e do lugar em que me coloco poderia alinhar a seguir algumas observações sobre a escola e a função docente e discente em relação à formação, à realidade das escolas, ao estatuto, à remuneração dos professores e ao novo quadro societal.

1. *A formação*

Sempre fui adepto e me bati por uma formação mais interdisciplinar e transdisciplinar e uma sala de aula com mais alunos e professores de diferentes disciplinas em simultâneo e em equipa e não por turmas fechadas, monodisciplinares e com poucos alunos. A diversidade, desde que bem conduzida, é mais rica, realista e desafiadora. Talvez seja até uma forma mais correta de olhar para a multiplicidade e diversidade cultural e tecnológica das sociedades onde se inserem as instituições de educação e formação e, designadamente, as escolas básicas, secundárias e superiores politécnicas e universitárias. Mas era ainda demasiado cedo para que estas ideias passassem. Talvez, hoje, já seja possível, desejável e, porventura, necessário começar a fazer esse caminho. Ou seja, introduzir na educação e na formação maior escala e mais massa crítica que permita trabalhar de um modo diferente em sala de aula e em trabalho de campo e investigação ao nível dos professores e dos alunos nos diferentes níveis de aprendizagem sem perder a especificidade de cada um deles e das respetivas especialidades. Criar e desenvolver espaços de aprendizagem, investigação, de trabalho e convivência mais abertos e amplos e com mais recursos humanos e materiais. Não é fácil, mas julgo que seria possível organizar grupos interdisciplinares com professores de diferentes áreas científicas, com alunos em níveis de conhecimento e desenvolvimento distintos, em projetos de aprendizagem, desaprendizagem e reaprendizagem dinâmicos e disruptivos, interativos, proativos e progressivos, mais contextualizados com as necessidades e exigências das sociedades emergentes em verdadeiras comunidades educativas de desenvolvimento e de progresso de acordo com os resultados da investigação científica, tecnológica e os valores das sociedades em que as escolas se encerem. Estes projetos exigiriam uma conceção, organização, realização, monitorização e avaliação mais cuidadas bem como atitudes, modalidades de trabalho e de interação mais criativas e, porventura, mesmo disruptivas em relação a métodos e estratégias de um passado mais próximo ou distante.

E a pergunta, que se coloca de imediato é a seguinte: será que esta nova modalidade de aprender a aprender, a desaprender e a reaprender, neste novo contexto, ajudaria a resolver o problema que hoje enfrentam as escolas e os responsáveis da educação relativamente à falta de professores? A resposta a esta questão é sim, ajudaria, mas não resolveria a situação no

imediato. Hoje, sabemos que a situação se agravou muito e a solução irá demorar algum tempo a ser resolvida. Será preciso certamente uma outra política educativa que possibilite uma mudança profunda da escola e do envolvimento dos seus principais atores com uma visão mais consciente das funções da escola e mais autonomia e criatividade na ação. A política educativa da escola assente na ideia de que a qualidade se atinge com a redução do número de alunos por turma, aos meus olhos, não é consistente e, muito menos suficiente, para o efeito que se pretende. Também não parece possível hoje aumentar o número de professores, por razões financeiras e de tempo de formação, para os níveis desejáveis. Criar projetos com um número mais alargado de alunos e professores de diferentes disciplinas poderia ser uma solução mais adequada, mas exigiria uma organização da escola e modos de trabalhar por parte dos alunos e dos professores bastante distintos. Um verdadeiro desafio à sua criatividade e onde o peso da burocracia deveria diminuir em função do aumento da sua responsabilidade e autonomia. A situação, porém, tal como se apresenta nos nossos dias irá exigir desafios disruptivos capazes de repensar e romper com as rotinas passadas de ensinar e aprender e a própria gestão das escolas. As equipas de professores dos diferentes projetos poderiam ter formações distintas com mais pedagogias ou menos pedagogias. O que tinham, todos os seus atores, professores, alunos, pessoal auxiliar e pais, era de ser mais exigentes e competentes nas respetivas áreas das especialidades, em metodologias de ensino-aprendizagem bem fundamentadas em ciências humanas, sociais e nas matérias disciplinares bem como na integração e acompanhamento dos alunos em atividades mais diversificadas e abertas à sociedade. Ou seja, uma verdadeira comunidade educativa com uma visão nacional e internacional, mas a atuar e a agir localmente motivada, bem informada, esclarecida, dinâmica e responsável. Será possível caminhar nesta direção? Não sei, mas acho que, pelo menos, é preciso começar a tentar fazer esse caminho com coragem, visão, discernimento e o mais rapidamente possível.

Julgo que a educação nas sociedades do futuro, que é já hoje, não pode esperar e terá de ser mais sólida, transversal, interdisciplinar e mobilizadora com a participação consciente e responsável, ativa e proativa de todos os seus atores. Não quero com isto dizer que não tenha havido já algum esforço neste sentido, mas terá que ir-se muito mais depressa e mais longe. Como? É a questão que naturalmente se coloca. Talvez, dando mais autonomia e

responsabilidade às escolas e reduzir as burocracias, mais confiança aos principais atores e menos fiscalização, “policiamento”, fomentar a criatividade e a inovação e desenvolver comunidades de aprendizagem e investigação diversificadas e bem equipadas entre docentes e aprendentes em projetos interdisciplinares e transdisciplinares com uma boa massa crítica. Uma coisa é certa, não é possível nem razoável partir para esse grande desafio sem conhecer bem a realidade das escolas e as exigências das sociedades em que estão inseridas. E qual é a realidade das escolas e as exigências da sociedade? Uma questão que consideraremos a seguir.

2. *A realidade das escolas e as exigências da sociedade*

Não sei se as escolas mudaram assim tanto, nestes últimos anos, ou se continuam ainda à espera de uma transformação que acompanhe o muito que, entretanto, aconteceu nas sociedades. Sabemos que surgiram novas ideias e novos processos e que as sociedades mudaram imenso. Talvez, como referi acima, muitas dessas ideias e dessas mudanças ainda não tenham entrado efetivamente na vida, na dinâmica e na organização da escola. Poderá ter acontecido que o excesso de burocracia, infelizmente, não tenha deixado tempo para isso, mas julgo tratar-se de algo que não poderá esperar mais. Pelo contrário, a escola terá de mudar profundamente para recuperar o tempo perdido e avançar com coragem, rapidez, discernimento e determinação. O sentido dessa mudança começa a antever-se, mas o como e a sua realização concreta e efetiva tarda em chegar à realidade, ao dia a dia, da escola. E qual é esse *como* do sentido da sua realização concreta que é também uma exigência e uma necessidade? É a pergunta que nos vem, neste momento, ao espírito. A resposta não poderá ser mais isto ou aquilo, mas passar à ação, rever os processos e práticas do passado e do presente e começar a mudar e a reajustar tudo aquilo que não contribui ou obstaculiza o sucesso educativo dos cidadãos na sua adaptação às exigências das sociedades emergentes para resolverem os seus problemas e, em muitos casos, poderem subsistir. Ou seja, rever conteúdos, processos, espaços de trabalho e, sobretudo, mudar a cabeça das pessoas, as mentalidades e as atitudes. Para isso é precisa uma nova visão da escola e uma nova força anímica que leve à escola uma verdadeira paixão pela formação e educação do cidadão em que a IA irá ter, para o bem ou para o mal, um impacto determinante. Limitar e proibir não será o caminho a seguir, dizer simplesmente sim

ou não, também não, mas formar e educar com rigor e seriedade para esse novo tempo que está a chegar muito rapidamente, parece ser o grande desafio.

A formação dos novos atores da escola, os novos processos e conteúdos de desenvolvimento e aprendizagem e a organização da ação educativa em novos espaços a adaptar ou a recriar são de primordial importância em relação às metas a atingir para a formação do cidadão dos novos tempos nas sociedades emergentes em seus diferentes contextos físicos, biológicos, psicológicos e culturais. Mas não basta formar estes novos atores para a nova escola que as sociedades exigem, é preciso também criar condições encorajadoras, atrativas, socialmente reconhecidas e remuneradas. A escola precisa de atrair os melhores para formar cidadãos capazes e bem preparados para garantirem o progresso em aceleração constante e assegurar mais riqueza e melhor distribuição social por todos para o seu bem-estar. Atrair os melhores cérebros e mais bem preparados à escola sempre foi não apenas um grande desafio, mas também uma meta a atingir e um imperativo indeclinável. Mas isso terá que ter expressão no respeito e na valorização social desses profissionais.

3. *O estatuto e a remuneração*

O estatuto e a remuneração são, com certeza, muito importantes. Contudo, os professores e os demais auxiliares da educação não poderão ficar demasiado dependentes das organizações sindicais e laborais. Estes problemas deverão ser vistos e resolvidos à luz do direito que lhes assiste e da justiça social tendo em conta outras categorias profissionais equiparáveis. Deverão, por isso ser reconhecidos pelas sociedades, pelos os governantes e outros agentes educativos que deverão de tomar a iniciativa e não ficar à espera de um empurrão de forças exteriores orgânicas ou inorgânicas. Há, no entanto, outros valores que não são menos importantes para dignificação do professor e do educador nas nossas sociedades. O apoio, a consideração e o respeito que não poderão deixar de estar presentes e assumidos de um modo claro e inequívoco. Os professores e outros atores educativos têm que ser reconhecidos e respeitados pelas sociedades como pilares basilares do seu desenvolvimento, progresso e afirmação nacionais e internacionais. Uma sociedade que não aposta na sua educação científica, tecnológica e cultural não conseguirá prevalecer, evoluir e ser competitiva no presente e no

futuro. Não se trata de passar à frente de outros profissionais, mas de estabelecer uma remuneração salarial razoável e justa em função do tratamento social dado a outras profissões de uma determinada sociedade.

4. *O novo quadro societal*

Pelo que podemos prospectar, as sociedades irão continuar a mudar e a transformar-se muito rapidamente não apenas em relação aos novos conhecimentos e sua aplicação e gestão, mas também em relação aos seus valores e aos seus modos de estar, de ser e de agir. Será nesse novo quadro societal que a formação e a educação dos cidadãos deverão inserir-se e responder aos anseios das pessoas e dos povos e ser preparadas para isso, em conhecimento, em valores e comportamento de acordo com os seus anseios e desígnios. E quais serão os seus principais anseios e desígnios? Poderíamos, talvez, elencar alguns como: Conhecer mais e melhor, aplicar e utilizar melhor esse conhecimento, sentir e agir em conformidade, viver em paz e ser feliz.

5. *Conhecer mais e melhor*

Costumava dizer aos meus alunos e investigadores e também deixei escrito em diferentes livros, artigos e outros trabalhos publicados, que o conhecimento está base de tudo. Não é possível nenhum tipo de ação ou reação existente ou futura sem conhecimento. O conhecimento sempre foi, é e continuará a ser uma espécie de poder demiúrgico, mágico, disruptivo dos humanos para transformar-se e transformar tudo o que, mais perto ou mais longe, está ou poderá estar ao seu alcance. Por isso, conhecer mais e melhor tudo o que de alguma forma entra no mundo da sua percepção inteligente, consciente e livre é o seu grande objetivo. Quaisquer que sejam as formas e os processos de atingir esse objetivo, conhecer e aprender não poderão deixar de estar presentes e atuantes na educação e formação dos cidadãos, como um verdadeiro poder mágico dos humanos e, eventualmente, de outros seres inteligentes do universo. Não pretendo fazer aqui nenhuma epistemologia do conhecimento, mas acho que a atividade de conhecer terá de ser entendida no seu sentido mais extenso, denso e profundo em que o ser humano questiona, apreende, imagina, concebe, julga, relaciona e o aplica na descrição, compreensão e transformação da realidade existente e possível.

6. *Aplicar e utilizar bem esse conhecimento*

Não basta, porém, conhecer bem em extensão, intensidade e profundidade. O querer iluminado pelos saberes e apoiado em valores é o outro pilar fundamental para uma boa aplicação e utilização do conhecimento. Hoje, como ontem, os riscos de uma aplicação dos saberes científicos e tecnológicos no mau sentido poderão ser catastróficos para os humanos e para própria natureza. Há nuvens densas e ameaçadores todos os dias no horizonte. Pelo que os principais responsáveis da comunidade internacional terão de ser muito equilibrados e sensatos no respeito pelos valores éticos e o direito dos povos vertido nas diferentes convenções internacionais. Hoje, a velha a ordem internacional está posta em questão e a ser violada por diferentes países e, sobretudo, pelos mais poderosos, mas a comunidade mundial precisa de uma nova ordem que seja aceite e respeitada por todos, baseada no direito assente em princípios éticos que salvaguardem a dignidade da pessoa humana, as ideias, os valores e as liberdades sem diferença de raça, de crença ou da cor da pele.

Mas isto não se consegue sem mentes a pensar de uma forma mais criativa, livre e autónoma, disruptivas, capazes de sair deste *status quo* instalado, “alapado” que teima em manter-se mesmo alardeando formas de mudança e transformação. Por aí não se vai lá e a formação e a educação dos cidadãos continuarão desfasadas do andamento vertiginoso e nem sempre na melhor direção das sociedades dos nossos dias. Os professores e os educadores são fundamentais para as mudanças sociais que estão a acontecer, mas terão de ser mais considerados e respeitados pelas sociedades, motivados e justamente recompensados pelo seu envolvimento e esforço.

7. *Sentir e agir em conformidade*

Também não parece ser possível agir sem sentir, estar em relação consigo próprio, com os outros, com as coisas, com a natureza. A ação pressupõe o conhecimento, o sentimento e o respeito por tudo aquilo que entra no mundo da nossa perceção, dos nossos desejos e aspirações. Este estar em conformidade na ação, com base no conhecimento, no sentimento e nos valores, é o que nos torna verdadeiramente humanos, autónomos e nos possibilita a felicidade e a paz que nos libertam de toda a sorte de ansiedade, depressão e

angústia. Viver em paz e ser feliz foi e é a grande aspiração do homem de todos os tempos. Nesta dimensão, as sociedades orientais parecem levar grande vantagem. São efetivamente muito mais sensíveis, morosas e, porventura mais humanas na avaliação dos comportamentos embora isso não signifique que sejam menos insensíveis e, porventura, menos cruéis na aplicação e execução dos castigos e das penas. De qualquer modo, conhecimento e a afetividade estão no princípio e no fim de toda a ação verdadeiramente humana.

Nota de saída

Em outras reflexões que fiz sobre Atenas e Jerusalém e divulguei em texto na net, como vem sendo meu hábito, referi-me à constatação a que muitos se associam também de que se encontra tudo nos gregos e noutros povos que os precederam ou foram seus contemporâneos. Julgo que, apesar do enorme progresso científico e tecnológico dos nossos dias, em termos de pensamento, não conseguimos chegar muito mais longe. Servimo-nos, sim, de novas formas de expressão e novas ferramentas que nos permitiram conhecer melhor a realidade, dominá-la e pô-la ao serviço da Humanidade, não obstante os enormes riscos daí decorrentes e que, hoje, são uma das maiores preocupações e ameaças aos homens deste planeta.

É, nesse quadro, que deixo apenas, abaixo, algumas indicações de leituras que poderão ajudar a situar e a completar as reflexões aqui desenvolvidas. Não é apenas uma questão de comodidade, mas de rigor e honestidade intelectual. Há muitas referências, inclusive de textos meus, que não acrescentam nada de novo e já fazem parte do património dos muitos que nos precederam vêm do fundo do tempo.

Links de leituras que serviram de reflexão na construção deste post-scriptum

https://www.researchgate.net/publication/258283336_Integrative_Research_and_Transdisciplinary_Knowledge_Production_A_Review_of_Barriers_and_Bridges (2025/01/05)

https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/about/projects/edu/education-2040/1-1-learning-compass/OECD_Learning_Compass_2030_Concept_Note_Series.pdf (2025/01/07)

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000380519/PDF/380519eng.pdf.multi> (2025/01/09)

<https://www.linkedin.com/pulse/knowledge-power-future-bob-powell/> (2025/01/10)

https://www.iscte-iul.pt/assets/files/2024/06/05/1717586292246_Livro_Creating_the_university_of_the_future_a_global_view_on_future_skills_and_future.pdf (2025/02/03)

<https://www.consilium.europa.eu/media/ny3j24sm/much-more-than-a-market-report-by-enrico-letta.pdf> (2025/03/03)

https://besjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/pan3.10451#PAN3_10451.indd%3Apan310451-aff-0011%3A48 (2025/04/08)